

# ATLAS LINGÜÍSTICO DO ESPÍRITO SANTO<sup>1</sup> (ALES): fases concluídas e etapas a desenvolver

Catarina Vaz Rodrigues  
Universidade Federal do Espírito Santo

## 1. Apresentação

O Espírito Santo apresenta população com características étnicas variadas; contudo, diferentemente dos outros Estados do sudeste, onde os imigrantes estrangeiros se integraram às comunidades existentes, vários grupos que para aqui vieram deram origem a novos núcleos de ocupação. Têm-se aqui, como no sul do país, localidades que surgiram como colônias, as quais ocuparam as áreas mais frias do Estado, localizadas nas montanhas e, em sua maioria, distantes das comunidades de fala portuguesa. Nessas áreas, cobertas por matas, mas com solo fértil, os imigrantes dedicaram-se à agricultura em pequenas propriedades. O isolamento favoreceu a manutenção de usos, costumes e da língua dos países de origem.

Instalaram-se nas terras capixabas, entre outros grupos europeus, italianos, alemães, pomeranos, holandeses, tirolezes e suíços, bem como imigrantes de outras regiões, tais como libaneses, árabes e gregos (Souza, 1993). Entre os imigrantes nacionais, houve predominância de mineiros e fluminenses (Almada, 1993: p.90).

O Espírito Santo ainda não teve suas variantes diatópicas descritas. Até o momento, foram efetuados alguns estudos monográficos, mas nenhum estudo mais abrangente foi desenvolvido. Entretanto, os dados previamente delineados permitem perceber a construção de um Estado com características étnicas, culturais e econômicas específicas, do que se deduz a existência de áreas lingüísticas diferenciadas.

A compreensão clara dos fenômenos de heterogeneidade diatópicas e diastráticos, conduz uma concepção de língua como diassistema. Alcançar tal concepção requer duas etapas: a primeira, de natureza teórica, em que se busca apreender fatores que determinam variações em uma língua; a outra etapa, implica no conhecimento de tais fatores localizados em regiões que constituam áreas de atuação do professor ou pesquisador (Lemle, 1978: p.60).

A área a ser estudada caracteriza-se pela heterogeneidade lingüística e étnico-cultural. Descrever e entender as causas da primeira implica conhecer não apenas a língua dominante, mas também os falares minoritários, uma vez que sua presença

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Processo n. 474983/2004-8

reflete-se na distribuição das áreas lingüísticas. Esse fato levou ao planejamento de estudos específicos para as regiões bilingües ou com perfil histórico-cultural diferenciado, como as comunidades quilombolas.

A descrição das principais variantes diatópicas do português seguem parâmetros geolingüísticos, enquanto os falares dos grupos minoritários seguem antes princípios de Sociolingüística. A descrição dos últimos não tem pretensões de exaustividade e visa incentivar a implantação de grupos de pesquisas, ainda tão ausentes em terras capixabas, voltados para a realidade local. Os reflexos dessa carência de pesquisas e da necessidade de interação entre Universidade e comunidade podem ser percebidos nos resultados do ensino básico: municípios com percentuais de analfabetos acima de 20% (IPES, 2004), baixo aproveitamento escolar, dificuldades de leitura e escrita que se refletem não só nos resultados escolares como na vida dos indivíduos.

### 1.1. Objetivos

Para descrever as principais variantes em uso no Estado, contribuindo assim para a explicitação dos fatores de heterogeneidade lingüística, organizou-se uma equipe interdisciplinar de professores com o intuito de planejar e implantar o ALES. A equipe é hoje constituída pelos professores Dr. Ismael Tressmann (Etnolingüística), que está analisando as comunidades pomeranas; Dra. Mariza Morais (Italiano – UFES), Dra. Marluce Pereira da Silva (Lingüística – UFRN), que estuda as comunidades quilombolas; Dr. Sandro José da Silva (Antropologia – UFES), que trabalha com as comunidades quilombolas e indígenas; e pela coordenadora Dra. Catarina Vaz Rodrigues (Lingüística – UFES). São consultores do projeto os professores Dr. Paolo Spedicato (Italiano – UFES), Dr. Sebastião Pimentel (História – UFES) e Dra. Vanderci Aguilera (Lingüística – UEL). O professor Dr. Spedicato, colabora como consultor e como pesquisador, pois está analisando o dialeto italiano falado em Santa Teresa. A equipe conta ainda com vários alunos de graduação e de pós-graduação.

O projeto tem assim como objetivos gerais:

- a) apresentar, sob a forma de atlas lingüístico, as principais variantes lexicais, fônicas e morfossintáticas do português falado no ES;
- b) delinear alguns dos principais traços lingüísticos característicos dos falares de grupos minoritários;
- c) disponibilizar dados cartográficos precisos a lexicógrafos, professores, lingüistas, gramáticos e autores de livros didáticos, contribuindo assim para o processo de ensino-aprendizagem do português;
- d) elaborar um banco de dados com acesso disponível a todos aqueles que necessitam informações sobre a língua em uso no Estado.

Seus objetivos particulares são:

- a) incentivar as pesquisas geossociolingüísticas, reconhecidamente necessárias para a descrição do português;
- b) despertar o interesse de alunos e docentes pela Dialetoologia e pelo bilingüismo, levando à formação de especialistas em áreas ainda não desenvolvidas no Estado;
- c) fornecer subsídios para o desenvolvimento de monografias, dissertações e teses tendo como base dados coletados seguindo parâmetros metodológicos precisos.

## 2. As fases da pesquisa

O projeto está organizado em três etapas. Na primeira, foram definidas como principais metas o preparo dos inquéritos (seleção dos pontos, elaboração dos questionários, etc.) e a constituição de uma equipe coesa e, ao mesmo tempo, interdisciplinar. Na segunda etapa, pretende-se efetuar e transcrever os inquéritos, enquanto a terceira estará centrada na análise e publicação dos dados. Essas fases, porém, não são estanques, uma vez que a divulgação dos primeiros resultados, referentes aos falares minoritários, deverá ocorrer no início da segunda etapa.

A seleção das localidades levou em consideração a rede de pontos proposta por Antenor Nascentes e os pontos propostos no Atlas Lingüístico do Brasil (AlíB), os quais foram reavaliados, uma vez que os pontos adequados para o atlas brasileiro poderiam não ser os mais representativos para o atlas estadual. A rede apresenta trinta e um pontos, à qual foram acrescentados mais seis com o propósito de incluir grupos minoritários.

A seleção dos pontos foi feita a partir do estudo das microrregiões definidas pelo IBGE, visto reunirem características físicas, econômicas e sociais relativamente homogêneas. A seleção dos municípios que compõem a rede incluiu, entre seus critérios, a distribuição, para evitar que algumas áreas ficassem sem representação. O Estado foi dividido assim em células de 5.000 km<sup>2</sup>, seguindo-se aqui um critério já utilizado no Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS). Outro critério foi o histórico: procurou-se selecionar localidades mais antigas, representativas histórica e culturalmente. Esse critério, aparentemente simples, nem sempre foi fácil de aplicar. Primeiro, porque o Norte do Estado é de colonização recente, incluindo a noroeste localidades que, em 1927, eram descritas nos livros como "terrenos desconhecidos". Assim, quando em dúvida sobre qual município escolher visto que todos eram relativamente novos, optou-se por aquele que se previa, dadas suas características étnicas e culturais, maior diversidade lingüística. Além disso, alguns distritos com data de criação recente são, na verdade, localidades antigas, desmembradas das sedes há pouco tempo. Tal fato exigiu uma pesquisa cuidadosa quando havia, lado a lado, um município aparentemente novo e outro antigo. Dados os objetivos da pesquisa, deu-se preferência aos municípios que apresentassem população rural e densidade demográfica de baixa a média. Ambos os quesitos apresentaram problemas em poucas células, pois no Estado há predomínio das características definidas. A taxa de analfabetismo, um

fator preocupante dados os índices que apresenta, também foi considerado. Localidades próximas da capital, tais como Santa Maria de Jetibá, chegam a atingir níveis superiores a 20% de analfabetos. Esses números, em localidades como Ponto Belo, no norte, chegam a 32.10% (Anuário do ES: 2005, p. 232-238 e IPES, 2004). Conhecer a realidade lingüística dessas regiões mostra-se o primeiro passo para uma reformulação do processo de alfabetização. Assim, se duas localidades apresentassem características semelhantes em todos os quesitos, a escolha se dava em favor daquela que apresentasse o maior número de analfabetos.

Obtiveram-se assim os seguintes pontos para os inquéritos do Português: 1. Mucurici; 2. Montanha; 3. Ecoporanga; 4. Pinheiros; 5. Conceição da Barra; 6. Vila Pavão; 7. Barra de São Francisco; 8. Nova Venécia; 9. São Mateus; 10. Águia Branca; 11. Vila Valério; 12. Pancas; 13. Rio Bananal; 14. Linhares; 15. Colatina; 16. Aracruz; 17. Laranja da Terra; 18. Santa Teresa; 19. Serra; 20. Afonso Cláudio; 21. Domingos Martins; 22. Iúna; 23. Muniz Freire; 24. Ibitirama; 25. Alfredo Chaves; 26. Vargem Alta; 27. Muqui; 28. Itapemirim; 29. São José do Calçado; 30. Mimoso do Sul; 31. Presidente Kennedy. Seguindo-se os princípios dialetológicos, os inquéritos serão efetuados na zona rural de cada município.

Os falares minoritários estão sendo investigados pelos docentes em São Mateus (quilombolas), Santa Teresa (italiano), e Santa Maria de Jetibá (pomerano). Há inquéritos previstos em Domingos Martins (alemão), Marechal Floriano (alemão), Venda Nova do Imigrante (italiano). Todas essas localidades são representativas histórica e quantitativamente dos grupos que estão sendo descritos.

Em relação ao perfil do informante também foram seguidos critérios dialetológicos tradicionais. Os informantes deverão apresentar preferencialmente as seguintes características: serem nascidos no local ou terem ali chegado ainda pequenos; serem os pais e o cônjuge da mesma localidade; serem analfabetos ou terem no máximo 4ª série; não serem muito viajados; não terem vivido muito tempo fora da localidade; terem aparelho fonador em boas condições; terem idade entre 30 e 55 anos. Considerando-se a viabilidade financeira e a disponibilidade de tempo, estão previstos dois informantes (um homem e uma mulher) por ponto. Não foram incluídos informantes mais idosos porque a pesquisa não tem por meta investigar aspectos diacrônicos. Sendo o ALES um atlas rural, também não foram incluídos informantes com escolaridade diferenciada.

Os critérios acima estão sendo utilizados nos inquéritos do atlas. A investigação dos grupos minoritários, conforme citamos acima, segue critérios sociolingüísticos e, sendo esta uma investigação preliminar, que permitirá a implantação de novas pesquisas, cada um dos professores participantes definiu os critérios para investigar o falar que lhe interessa.

Na elaboração dos questionários, foram incluídas questões já formuladas em outros atlas, inclusive no ALiB, garantindo-se assim um balizamento do alcance das variantes. A essas questões foram acrescidas aquelas que são específicas para o Estado e incluídos temas para discursos semidirigidos. O questionário lexical inclui 210 questões (onomasiológicas e semasiológicas) distribuídas pelos seguintes campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora, atividades agro-

-pastoris, fauna, convívio e comportamento social, ciclos da vida, corpo humano, religião e crenças, jogos e brincadeiras, habitação alimentação e cozinha, vestuário e acessórios. Buscou-se, sempre que possível, manter os parâmetros de comparabilidade com as obras já publicadas ou em andamento. O número de questões mostra-se baixo se comparado com outros atlas. Essa opção levou em conta o fato de que longos questionários cansam os informantes e, em geral, o número de cartas publicadas é muito inferior ao número de questões aplicadas.

O questionário fonético-fonológico apresenta 25 questões que averiguam a realização de consoantes e vogais em ambientes previamente estabelecidos.

As questões morfossintáticas são de formulação complexa, e freqüentemente deixam o informante inseguro, pois ele percebe que não se busca seu cabedal de conhecimentos, mas algum saber escolarizado. Além disso, nem sempre as questões morfossintáticas apresentam diferenciação dialetal significativa. Se houvesse pesquisas prévias poder-se-ia planejar um questionário focalizando itens com provável variação dialetal. O questionário morfossintático investiga portanto apenas seis itens; entre eles há questões referentes à utilização de pronomes, gênero, número e grau. Esta parte será complementada com os dados dos discursos semi-dirigidos, que investigam o uso dos tempos presente, passado, futuro e condicional. Espera-se obter nos discursos semidirigidos, como ocorre com as pesquisas sociolinguísticas, dados morfossintáticos que permitam delinear e, posteriormente, ampliar, as pesquisas nessa área.

Atualmente o projeto encontra-se em sua segunda fase. Todos os questionários estão sendo testados, antes dos inquéritos definitivos, para que se possa verificar sua adequação e eficiência na coleta de dados. Sempre que necessário, as questões são reformuladas ou substituídas.

Todos os dados coletados nos inquéritos serão copiados em fitas cassete (as quais serão utilizadas no processo de transcrição) e posteriormente registrados em computador agrupando as respostas de cada pergunta. Haverá ainda uma cópia em CD-R, garantindo-se assim que nenhuma informação será perdida em virtude de problemas técnicos. Os dados transcritos serão arquivados em dois computadores: o primeiro será utilizado para transcrições e revisões; o outro servirá de base para os dados revisados e a elaboração das cartas. Obter-se-á assim um banco de dados disponível a todos aqueles que necessitam de informações sobre a língua em uso no Espírito Santo.

A terceira fase do ALES tem como objetivos finalizar as transcrições, elaborar e analisar as cartas e, finalmente, apresentar, sob a forma de atlas lingüístico, as principais variantes lexicais, fônicas e morfossintáticas do Espírito Santo.

### 3. Considerações finais

A elaboração de um atlas não é tarefa das mais fáceis. No caso do ALES, as principais dificuldades foram conhecer em pouco tempo (apenas dois anos até o início formal da pesquisa) um Estado da região Sudeste sobre o qual tínhamos até então pouquíssimos dados, e formar uma equipe. Outro aspecto problemático foi a falta de estudos prévios que auxiliassem a elaborar os instrumentos de coleta. Entre aguardar

alguns anos, efetuando pesquisas preliminares, e os limites de trabalhar com informações assistemáticas, optou-se pela última possibilidade, dadas as contribuições que o atlas poderá trazer. Apesar das dificuldades encontradas, constata-se que já se registram resultados expressivos, embora ainda haja grupos bilingües sem pesquisadores para estudá-los.

O financiamento do projeto pelo CNPq efetivamente viabilizou a realização do levantamento de dados, e a equipe encerrou a primeira fase após um longo período de estudos e discussões definindo a rede de pontos e elaborando os questionários. Contudo, dado o porte da pesquisa, os recursos financeiros são limitados, fato que se considerou ao planejar a rede e ao definir o número de informantes por ponto. À medida que forem surgindo resultados, a rede poderá ser adensada nas áreas de maior diversidade lingüística, sempre que houver recursos para tanto.

O que se espera como resultados é uma visão panorâmica dos traços lexicais e fonomorfo-sintáticos que caracterizam as áreas lingüísticas do Estado, bem como a formação de grupos de pesquisa que dêem continuidade aos estudos que se iniciaram com o ALES. Como conseqüências do projeto, espera-se uma prática didático-pedagógica que reconheça a multiculturalidade que perpassa os diferentes segmentos da sociedade capixaba, e que trabalhe a questão da heterogeneidade lingüística tendo como base dados precisos.

Os professores e os vários acadêmicos que participam do projeto estão trabalhando de forma integrada, e dos resultados da primeira etapa constam não somente a conclusão da rede e dos instrumentos de coleta como também pesquisas individuais. Além das pesquisas desenvolvidas pelos docentes, a participação dos acadêmicos e pós-graduandos consolidou-se com os projetos de iniciação científica (PIBIC/PIVIC UFES) e monografias de final de curso em torno dos seguintes temas: aspectos da morfossintaxe entre os quilombolas (Livia de Assis; Taiomara Rangel); aspectos da morfossintaxe do português na fala dos descendentes de italianos (Alessandra Alves; Deliani Fehelberg; Luciana Mattedi; Paula Almeida); marcas fonológicas do português das crianças pomeranas (Aline Haese; Ludmila Beninca); aspectos da morfossintaxe do português falado pelos índios guaranis (Shirley Vieira); o léxico dos pescadores (Giovana Lanes; Tiago Coco); o léxico da madeira (Vanir Perozini – aluna de pós-graduação). Todos esses projetos foram desenvolvidos em pontos do ALES e contam com o acompanhamento de diferentes professores do grupo.

#### 4. Referências

- AGUILERA, Vanderci (1994) *Atlas do Paraná*. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado do Paraná.
- ALMADA, Vilma F. (1993) *Estudos sobre estrutura agrária e cafeicultura no Espírito Santo*. Vitória, SPDC/UFES.
- ARAGÃO, Maria do Socorro e MENEZES, Cleusa (1984) *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq. Vol. I e II.
- BORGO, Ivan, ROCHA Léa e PACHECO, Renato (1996) *Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento*. Vitória, EDUFES.

- BORTONI-RICARDO (1984) Problemas de comunicação interdialetoal. *Tempo brasileiro*, n.78-79. Rio de Janeiro.
- CHAMBERS J.K. & TRUDGILL, Peter (1980) *Dialectology*. Cambridge: Cambridge U.Press.
- CINTRA, L.F.Lindley (1995) *Estudos de dialectologia portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- COULMAS, Florian (ed.) (1977) *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.
- CUNHA, Celso (1984) Língua portuguesa e realidade brasileira. *Tempo brasileiro*, n. 13. Rio de Janeiro. 10ª ed.
- COSERIU, Eugenio (1965) *La geografía lingüística*. 4.ed. Montevideo : Universidad de la Republica. Cuaderno no. 11.
- FERREIRA, Carlota et al. (1988) *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador: UFBA.
- FERREIRA, Carlota & CARDOSO, Suzana (1994) *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FLEURI, R.Matias (org) (2001) *Intercultura: estudos emergentes*. Ijuí: Unijuí.
- GÄRTNER, Eberhard (1977) *Pesquisas lingüísticas em Portugal e no Brasil*. Frankfurt: Vervuert.
- HUTTERER, Claus (1965) *La geografía lingüística y la dialectología*. Montevideo : Universidad de la Republica.
- KOCH, KLASMANN, ALTENHOFEN(orgs) (2002) *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFSC/UFPR. Vols I e II.
- LEMLE, Míriam (1978) Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa.. *Lingüística e ensino do vernáculo*. *Tempo brasileiro*, n.53-54. Rio de Janeiro. p.60-94
- ORLANDI, E. Pulcinelli (org) (1988) *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes.
- OSÓRIO, Carla et al. (1999) *Negros do Espírito Santo*. São Paulo: Escrituras.
- RIBEIRO, José et.al. (1977) *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Juiz de Fora: MEC-Casa de Rui Barbosa-UFJF.
- RODRIGUES, Ada Natal (1974) *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Ática.
- RODRIGUES, Catarina (2002) *Variação Lingüística e Diacronia*. Anais do II EDIP. Araraquara, UNESP. pp. 255-262.
- (1988) *Áreas lingüísticas no Rio Grande do Sul: conjunto de fatores determinantes*. *Atas do XI Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*. Campinas, IEL-UNICAMP. pp.13-20.
- RONA, J.Pedro (1958) *Aspectos metodológicos de la dialectología hispanoamericana*. Montevideo: Universidad de la Republica.
- ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. [s.l.] Instituto Nacional do Livro/MEC.
- SALETTI, Nara (1965) *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)*. Vitória: EDUFES, 1996.
- SANTOS, Irenilde (1977) Considerações sobre um atlas lingüístico da cidade de São Paulo. In: AGUILERA, Vanderci. *Diversidade fonética no Brasil*. Londrina, UEL.

